



Racismo e vulnerabilidade socioambiental: a Batalha do Crematório como estratégia de resistência e denúncia à ameaça policial e à segregação urbana em Belém/Pará

Uriel Melquisedeq Lopes Coelho¹

Resumo

A violência policial nas periferias de Belém é um problema social intimamente ligado às dinâmicas raciais e sócio-históricas envolvidas no processo de construção do ambiente urbano. O cotidiano periférico dos jovens negros belemenses é marcado, deste modo, pelo constante sentimento de medo e incertezas causados pela profunda relação entre vulnerabilidade socioambiental e as sucessivas ameaças realizadas seja pela polícia formalmente constituída, seja pelas milícias que atuam de forma clandestina. Neste sentido, este trabalho busca dar destaque à “Batalha do Crematório” como uma estratégia de articulação cultural e política da juventude negra periférica da cidade de Belém que, através de batalhas de improviso, do rap e do hip hop, buscam alternativas de lazer e formas de denunciar o racismo, a desigualdade socioambiental e a truculência policial. Para tanto, faz-se uso do conceito de práxis de Pierre Bourdieu sendo traçados vínculos entre o repertório linguístico e as atividades realizadas pelos participantes deste evento com o contexto socioambiental em que se destacam estas experiências. A avaliação destas estratégias é importante pois evidenciam, ao mesmo tempo, a materialidade das relações que conformam a desigualdade socioambiental no contexto periférico amazônico; a atuação da polícia como responsável, em parte, pela manutenção deste modelo; e as possibilidades de utilização da linguagem como uma habilidade corpóreo-sensitiva capaz de se configurar como tecnologia culturalmente acessível e eficiente para a articulação cultural e política de grupos socialmente marginalizados.

Palavras-chave: vulnerabilidade socioambiental, racismo, violência policial, estratégias de resistência

Introdução

Quando consideramos os impactos do racismo na vida e na experiência das pessoas negras, precisamos levar em conta as múltiplas conexões existentes entre os aspectos sociais, econômicos e culturais que, historicamente, marcaram a vivência desta população durante a formação da sociedade nacional. Em outras palavras, é necessário considerar os diversos caminhos tomados, bem como os diferentes aspectos herdados material e simbolicamente, identificando as referências diretas e/ou indiretas que estas fazem ao modo particular como se desenvolveu a discriminação racial tanto no sentido mais amplo quanto no mais local (Sansone 2004; Almeida 2019; Fernandes 2021).

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Como veremos no decorrer deste trabalho, esta visão conjunta dos fenômenos sociais nos é favorável pois permite diferenciar as perspectivas e observar distintas manifestações do racismo onde alguns aspectos se encontram de maneira mais sinérgica ou se chocam em formas dialéticas, mais ou menos explícitas, a depender do contexto e das ocasiões nas quais elas se apresentam.

No caso brasileiro, seja quando incorporado ao planejamento urbano das cidades, seja quando transformado em um discurso cultural que nega as relações de poder e o conflito entre as classes, o racismo deixa marcas profundas na experiência social e individual, sendo necessário evidenciar as suas dimensões e dar destaque aos seus variados mecanismos de funcionamento.

Este trabalho visa elaborar uma análise qualitativa sobre as relações, discursos e atividades desenvolvidas por jovens que participam de um evento conhecido como “Batalha do Crematório”, um encontro onde são realizadas batalhas de rima, bem como apresentações de rap, hip hop, entre outras manifestações culturais. O evento ocorre semanalmente em uma praça pública localizada no bairro da Cremação, região periférica da cidade de Belém-Pará.

Os métodos e técnicas empregados foram a etnografia, a observação participante e a conversa informal. A partir destes meios pude estabelecer diálogo com os interlocutores tanto de forma direta durante as pesquisas de campo, como indireta através de interações pelas redes sociais. Estes diálogos ocorreram principalmente entre os meses de agosto e outubro de 2021.

Os jovens envolvidos são bastante diversos em termos de idades, gêneros, visões de mundo, posições políticas, etc., mas, ao mesmo tempo, têm em comum a condição de classe que também pesa sobre a construção das suas identidades e da caracterização da pobreza no ambiente periférico como um todo.

Também foi lançado mão de algumas considerações históricas sobre a construção do espaço urbano belemense levando em conta os aspectos socioambientais e paisagísticos presentes nas periferias em contraste com as regiões nobres da cidade. No tópico a seguir, veremos como a formação das periferias na cidade de Belém perpassa inevitavelmente a discussão sobre as lutas de classe que conformam a vida da população negra nos ambientes periféricos e que foram inauguradas, principalmente, a partir do período conhecido como *Belle Époque*. Esta é uma etapa importante, pois evidencia o modo como as limitações e possibilidades de articulação mediadas pelo ambiente urbano constituem fatores decisivos para a compreensão das categorias e das práticas desenvolvidas neste contexto.

Os esforços da pesquisa também foram orientados no sentido de compreender as relações entre a segregação espacial e a vigilância/perseguição ostensiva imposta sobre a juventude periférica que, como veremos, muitas vezes se traduz em casos de abuso de autoridade, ameaças e outros crimes cometidos por agentes públicos representados na figura do poder militar do Estado e, de forma privada, pelo crime organizado na figura das milícias.

A fundamentação teórica que norteia o trabalho buscou se aproximar das noções de *práxis* e de *habitus* concebidas por Pierre Bourdieu (1988; 2004) como pressuposto para pensar as relações entre o conhecimento local e sua atuação no mundo, considerando sempre um cenário onde os indivíduos aqui representados se encontram em uma posição que contrasta aspirações pessoais e limitações estruturais. Os agentes inscritos nestas condições encontram no rap, no hip hop e na improvisação as possibilidades de incrementar tecnologias corpóreo-sensitivas que reafirmam princípios e valores comunitários os quais se tornam fundamentais para a sobrevivência no contexto urbano, além de servirem como ferramentas de denúncia e combate ao racismo em um ambiente marcado por contradições sociais.

Cabe salientar ainda que as pesquisas de campo buscaram seguir todos os protocolos de segurança visando minimizar os riscos de contaminação pelo novo coronavírus, sendo, portanto, respeitado o uso de máscaras, o distanciamento mínimo de 1,5 metros entre o pesquisador e os interlocutores, bem como tentando evitar aglomerações neste momento de pandemia que é tão delicado para a realização das nossas atividades.

Segregação urbana e racismo ambiental na cidade de Belém.

A construção das áreas periféricas na cidade de Belém e, em especial, no bairro da Cremação, *locus* da pesquisa deste trabalho, possui relações diretas com a consolidação das áreas nobres da cidade.

Como se sabe, Belém passou por um período de expressiva ascensão econômica durante os finais do século XIX e início do século XX devido ao grande sucesso alcançado pela economia do látex, matéria-prima extraída de seringueiras como as da espécie *Hevea brasiliensis*. Com todos os olhos voltados para economia gomífera, esta matéria-prima passou a ser amplamente requisitada no mercado internacional devido à sua ampla utilização na produção da borracha - uma tecnologia inovadora naquele momento e que se tornou imprescindível para a fabricação de pneus no contexto da ascensão da indústria automobilística (Soares 2008).

Este período ficou conhecido como *Belle Époque* e se caracterizou também pelas inúmeras tentativas, por parte do poder público local, de reproduzir, em pleno solo amazônico, os padrões culturais e a forma de viver europeias (inspirados em especial nas cidades de Paris e Londres). Tais tentativas foram o pontapé inicial para um conjunto de modificações que se seguiram na cidade de Belém, principalmente durante a administração do governo de Antônio Lemos (1897-1911). Este episódio da história paraense impactou profundamente, desde as leis para construção de novos domicílios na região metropolitana de Belém até o estabelecimento de diversas regras de etiqueta que visavam padronizar o comportamento dos cidadãos que viviam na cidade (Soares 2008; Daou 1999; Chaves 2017).

A *Belém moderna*, como ficou conhecido o projeto de urbanização iniciado por Antônio Lemos, se esforçou, portanto, dentre outras coisas, por impedir a presença e garantir a retirada daqueles imóveis e outros tipos de estabelecimentos que não se adequassem aos padrões de uma cidade moderna tal como preconizada pela elite gomífera da época. Inúmeras obras e serviços como o alargamento e a arborização das vias principais, a coleta de lixo, a distribuição de energia, a construção de praças, de bosques, de cafés, etc. fizeram parte destas iniciativas, visando instaurar no meio urbano condições de maior conforto às classes abastadas que viviam (e ainda hoje vivem) nas regiões centrais e áreas nobres da cidade. Com isso buscou-se também inculcar entre os moradores princípios e valores que ressaltavam uma nova forma de viver, sustentada nos ideais do progresso, modernização e civilização (Soares 2008).

Segundo Edmilson Rodrigues (1996 *apud* Pimentel *et al.* 2012), estas modificações também se constituíram como o núcleo a partir do qual irá emergir a expressividade da desigualdade social que, posteriormente, ficaria marcada na paisagem urbana da cidade de Belém:

Em meio a essa gama de serviços que surgiram, primeiramente no bairro de Nazaré, que, posteriormente se estendeu para outros, como Umarizal e Batista Campos, é que Rodrigues (1996), considera a expressividade do processo de segregação espacial, uma vez que tais serviços vão ocasionar inúmeras dinâmicas espaciais como especulação imobiliária, a valorização dos imóveis da área central. Esse fato contribuiu para provocar o direcionamento do vetor de ocupação para o interior de Belém, restando as áreas de várzeas aos sujeitos mais pobres, que tinham essas áreas como única alternativa de moradia (Pimentel *et al.* 2012: 38-9).

Deste modo, aquelas famílias que foram incapazes de lidar com o avanço da especulação imobiliária decorrente da valorização dos imóveis e do aumento do custo dos serviços oferecidos nas regiões centrais da cidade foram simplesmente “empurradas” ou expulsas para

regiões cada vez mais distantes do centro. Assim, essas pessoas foram obrigadas a habitar, principalmente, os terrenos de várzea que, por sua vez, eram amplamente indesejados pelas elites locais por estarem localizados em zonas desfavoráveis para a construção de imóveis e outros empreendimentos.

Cabe aqui fazer uma breve caracterização destas áreas, uma vez que, ao contrário das regiões periféricas de cidades como a do Rio de Janeiro, elas possuem aspectos peculiares que são próprios da realidade amazônica. As regiões de várzea, conhecidas também como “baixadas”, são áreas situadas abaixo do nível do mar. Elas são cortadas por inúmeros rios e sofrem inundações sazonais constantes de acordo com o ciclo das marés. A ocorrência do ciclo das marés (ou o “fenômeno das marés” como também é conhecido), por sua vez, possui ampla influência sobre os principais corpos hídricos que circundam a cidade de Belém como a Baía do Guajará, o rio Guamá, o Igarapé Tucunduba e a Bacia da Estrada Nova (Carvalho; Amorim 2014).

Somado a isto, outra especificidade relacionada à localização da cidade de Belém na região amazônica dificulta a vida das populações periféricas: o fato de estar geograficamente situada em meio à uma floresta equatorial em que há a predominância de um clima quente e úmido, o que favorece a ocorrência de um regime de altos índices pluviométricos na região, principalmente durante o chamado “inverno amazônico” (Villa Nova *et al.* 1976; Salati *et al.* 1979; Marengo 2005).

O fenômeno das marés, quando combinado com os períodos de alta das chuvas, tende a significar a ocorrência de diversos desastres ambientais nas periferias da cidade, dentre eles, o transbordamento dos canais², o entupimento das suas galerias, o aumento das margens dos principais afluentes, a diminuição da capacidade de infiltração do solo, entre outros transtornos que têm como resultado uma série de distúrbios sociais, sendo o alagamento das residências próximas um dos mais graves (Marengo 2005; Matos 2011).

Isto tudo termina por significar o agravamento de diversos outros problemas como a disseminação de inúmeros focos de doenças ocasionadas pelo deslocamento do lixo acumulado, pelo contato da população com a água contaminada e pela criação de ambientes favoráveis ao surgimento de inúmeros vetores de doenças como ratos, baratas, caramujos, pernilongos, etc. (Matos *et al.* 2011).

² Os canais são rios que tiveram o seu curso retificado por sucessivas obras de infraestrutura e saneamento básico conduzidas pelo poder público local na intenção de transformá-los em uma alternativa frente à ausência de esgotamento sanitário adequado nas regiões periféricas de Belém. Eles servem, portanto, como via de descarte para os resíduos sólidos e efluentes domésticos.

Neste cenário, o bairro da Cremação é uma destas zonas periféricas de baixada que ainda hoje sofre com o descaso do poder público e onde é possível perceber em sua paisagem alguns detalhes sobre o processo histórico de segregação espacial que definiu as características específicas da expansão urbana na cidade de Belém. Abrangendo a chamada Bacia da Estrada Nova, a história do bairro remonta a estas contradições sociais e urbanas herdadas desde a *Belle Époque*. O principal monumento que remete à sua inauguração é uma usina crematória construída ainda durante o governo de Antônio Lemos como medida para eliminar o lixo produzido na cidade, refletindo assim as preocupações da época com a higienização das áreas nobres e a eliminação dos resíduos sólidos em outras regiões que não viessem a incomodar a vida de conforto desfrutada pelas elites que habitavam (e ainda hoje habitam) o centro (Soares 2008).

Naquele momento, a Usina da Cremação se localizava, portanto, em uma região distante da cidade, em uma área que possuía ainda poucas residências e outros tipos de edificações. No entanto, com o crescimento da cidade aquelas famílias expulsas das regiões nobres e centrais vieram a habitar os seus arredores, dando finalmente origem ao bairro da Cremação. Durante um longo período, os moradores da área tiveram que lidar com a poluição sonora e do ar causados pelas atividades dos fornos crematórios da usina. Na década de 1960, após inúmeras reivindicações dos moradores, a usina foi desativada e ao seu redor foi construída a praça Dalcídio Jurandir, local onde hoje ocorre a Batalha do Crematório, o *locus* desta pesquisa.

A ameaça policial contra a juventude periférica

Além das condições ambientais desfavoráveis e da marcante desigualdade socioeconômica que se traduz na prevalência da pobreza e da vulnerabilidade socioambiental daqueles que vivem em bairros periféricos, como o da Cremação em Belém, outro ponto importante de ser ressaltado diz respeito à atuação das forças militares do Estado nestas áreas. Há que se destacar ainda a ação das milícias que hoje adquirem características de um verdadeiro poder paralelo associado ao crime organizado no Pará e em diversos outros estados brasileiros.

Neste sentido, a ameaça policial contra a juventude periférica assume diferentes dimensões nos bairros periféricos da capital paraense, sendo possível observar desde práticas intimidatórias e arbitrárias de teor altamente discriminatório que se fazem presentes na forma

dos chamados “baculejos”³, além de ameaças verbais, coerções físicas e mesmo chacinas orquestradas sob a justificativa de retaliação às ações do crime organizado.

Neste último ponto, diversos bairros das regiões periféricas da cidade como Cremação, Guamá, Terra-Firme, Jurunas, entre outros, são frequentemente o palco de uma série de eventos de assassinato em massa devido aos conflitos entre diversos grupos do crime organizado. Dentre tais grupos se destacam as milícias que, imbuídas do discurso de fazer “justiça com as próprias mãos” e do “combate ao crime”, se articulam criminosamente agindo às margens da lei (Figura 1). O ano de 2017, por exemplo, ficou marcado como um dos mais sangrentos da história da capital, sendo registrados cerca de 30 assassinatos em menos de 24 horas em retaliação à morte de um policial militar⁴.



Figura 1 Chacinas na região metropolitana de Belém. Fonte: Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) das Milícias do Pará e Secretaria de Segurança Pública.

³ “Baculejo” é o nome popular dado ao procedimento de abordagem policial que consiste na revista pessoal de suspeitos de estarem envolvidos em uma potencial situação de cometimento de crime. A prática é controversa, pois abre a discussão sobre os critérios utilizados pelos agentes militares na definição de quem é ou não um suspeito, bem como há inúmeras críticas às interpretações policiais sobre o que é estar ou não em uma potencial situação de cometimento de crime, o que se agrava pelo notável viés racial envolvido no contexto das abordagens policiais.

⁴ Os meios de comunicação locais dão especial atenção aos eventos de chacina que ocorrem nas periferias de Belém, sendo possível encontrar inúmeras matérias sobre cada um destes casos nos diversos canais da imprensa. Aqui cito apenas dois dos principais: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/11/oito-pessoas-sao-mortas-em-belem-apos-assassinato-de-policia-militar.html>. Acesso em 04 nov. 2021; <https://www.brasildefato.com.br/2017/01/27/em-23-anos-belem-registra-sua-quarta-chacina-apos-a-morte-de-um-policia>. Acesso em 04 nov. /2021.

Segundo Costa (2009: 58 *apud* Couto, 2018: 7), discorrendo sobre a prática das milícias no Rio de Janeiro. é possível notar o seguinte:

(...) a milícia comete crimes, mas ancorada em um discurso moral de enfrentamento da criminalidade – semelhante ao da polícia, que talvez seja ainda mais forte do que o lugar do policial-, ela expulsa, extermina traficantes e, depois, sob o pretexto de manter locais “seguros”, se impõe na favela, intervindo na vida dos moradores: cobra taxas de manutenção da segurança, interfere no transporte alternativo, nos serviços de telefonia e internet, comércio, na compra e venda de gás em busca de lucro e controla a entrada e saída dos moradores e visitantes dos bairros. E, ainda, pune com o extermínio qualquer um que seja considerado como inimigo, a saber: usuários de drogas, ladrões, opositores, invasores, moradores, etc. (Costa 2009: 58 *apud* Couto 2018: 07).

Segundo Aiala Couto (2018), em análise bibliográfica e documental que incluiu o relatório produzido pela CPI das Milícias do Pará, além de entrevistas e observações sistemáticas sobre a atuação das milícias no estado, é notável a articulação e o envolvimento de ex-militares e de agentes corrompidos da Polícia Militar do Estado no tráfico de drogas e em outras situações, tais como: no controle territorial, na disputa com outras facções, na formação de grupos de extermínio, no controle do comércio local e outras situações semelhantes às descritas acima por Costa (2009 *apud* Couto 2018).

Estas práticas pesam sobremaneira na manutenção do medo e da discriminação racial nas regiões periféricas de Belém, uma vez que mesmo os agentes militares que não fazem parte de milícias tendem a sentir maior segurança para cometer atos abusivos contra a população que vive nestas áreas. Fazem isso por se sentirem respaldados pela imagem do policial como um agente acima da lei e que tem poder para definir quem é ou não considerado um potencial criminoso, bem como as formas como este deve ser julgado. Isto tudo se agrava ainda mais em um contexto de exaltação das ações criminosas cometidas pela Polícia Militar através do discurso político reproduzido pelo atual Presidente da República.

Este criminoso, pelo viés incorporado nas abordagens policiais, possui, na maioria das vezes, as características de um sujeito negro e periférico cujo comportamento, formas de se vestir, de se comunicar, etc. se tornam sinais que apontam para o seu potencial envolvimento em situações de criminalidade mesmo quando não há margens empíricas para a comprovação desta suposição (Barros 2008).

Deste modo, é neste contexto, caracterizado pelas marcas profundas da pobreza, além de um conjunto de outras incertezas e vulnerabilidades materiais e simbólicas, que se desenvolvem as atividades da juventude que participa da Batalha do Crematório. Esta realidade

está presente não apenas nos corpos que trazem na cor da pele as marcas da exclusão social e os sinais da suspeição, mas também nos discursos e no próprio ambiente em que a experiência se desenvolve.

A Batalha do Crematório como denúncia e resistência ao racismo e à perseguição policial

A Batalha do Crematório é um evento que ocorre semanalmente, sempre às quartas-feiras, na Praça Dalcídio Jurandir. Localizada próxima a duas das principais vias de acesso ao bairro da Cremação (Avenida Alcindo Cacela e Travessa Nove de Janeiro), esta praça foi construída logo após a desativação da Usina da Cremação, o que constituiu um marco no tratamento do lixo gerado durante o período da *Belle Époque* em Belém e que permanece ainda hoje neste espaço como um elemento de sua paisagem.

Além disso, a Praça possui cerca de 9.000m² e conta hoje com diferentes espaços, tais como: um anfiteatro que engloba uma arquibancada e um espaço aberto em sua base que, por vezes, é utilizado em apresentações ao público e para algumas cerimônias religiosas como cultos evangélicos; uma área de lazer para as crianças (*playground*), onde há alguns brinquedos como gangorras, balancinho e um “túnel” com várias aberturas em formatos geométricos onde as crianças podem brincar de pira-se-esconde, pira-pegas, etc.; uma área para exercícios físicos, onde estão dispostos alguns equipamentos instalados pela própria prefeitura; além de uma área com vários bancos e mesas de concreto que alguns moradores usam para jogar damas, truco e dominó.

Na maioria dos dias, a Praça é pouco frequentada, uma vez que ela se encontra bastante deteriorada devido ao abandono da administração pública e aos rumores, entre os moradores locais, de que se trata de ambiente perigoso pela presença de consumidores de drogas e moradores de rua. Por isso, a Praça é mais frequentada justamente nos dias em que ocorre a Batalha do Crematório e aos finais de semana, quando se transforma em uma alternativa de lazer e encontro para os moradores locais. De qualquer forma, aqui já podemos notar algumas características relacionadas ao clima de medo e tensão existente nesta localidade.

Neste contexto, a Batalha do Crematório ocorre principalmente em dois locais: ou próximo à área do *playground* (uma vez que o túnel anteriormente citado favorece a criação da acústica para as batalhas) ou na área da arquibancada onde o público pode assistir às batalhas sentado na sua estrutura.

É importante salientar que a Batalha do Crematório integra um circuito de batalhas que é muito maior, envolvendo diversos públicos em diferentes bairros periféricos da capital

paraense. Esta diversidade impacta sobremaneira o perfil dos frequentadores dessas batalhas. Em algumas, por exemplo, é muito comum a participação de crianças e pré-adolescentes, em outras já é mais comum haver batalhas entre MCs⁵ do sexo feminino, havendo inclusive batalhas onde só mulheres podem se inscrever e participar.

Durante todas as minhas pesquisas de campo, apenas algumas vezes presenciei mulheres batalhando na Batalha do Crematório. No entanto, muitas MCs se apresentam durante os intervalos do evento a fim de divulgar os seus trabalhos que envolvem, principalmente, a produção musical independente.

Muitos MCs também estão presentes nas diversas batalhas que ocorrem por toda a cidade, não havendo, portanto, um compromisso com a exclusividade de apenas uma versão destes eventos. Na realidade, predomina entre eles a percepção das batalhas enquanto um verdadeiro circuito que integra diversos pontos da cidade em detrimento de uma visão local, exclusiva e restrita. Deste modo, a maioria dos MCs e das outras pessoas que participam da Batalha do Crematório, também participam em outras batalhas que ocorrem na cidade, seja em bairros mais próximos como Guamá e Jurunas, seja em bairros mais distantes da Região Metropolitana de Belém, como nas cidades de Ananindeua e Marituba.

Para as diferentes versões do evento existe também uma estrutura que permite a realização das batalhas que varia de acordo com a mobilização dos organizadores e mesmo das condições locais do ambiente no dia da sua realização. Em dias de chuva, por exemplo, as batalhas ocorrem nos locais cobertos da praça quando há público suficiente para isto.

Para que as batalhas aconteçam, entretanto, é necessário a disponibilidade de um aparelho de som para a reprodução dos *beats*⁶ (embora, às vezes, nem isso se faça realmente necessário, tendo em vista que muitos MCs também praticam *beat box*⁷) e, principalmente, do público que participa do evento. Na Batalha do Crematório, geralmente são usadas pequenas caixas de som portáteis que são conectadas via *bluetooth* aos celulares dos organizadores do evento que, por sua vez, escolhem os *beats* de cada rodada. Muitas vezes o público em geral, composto sempre por curiosos, transeuntes, amigos e conhecidos dos MCs também sugerem *beats* específicos que variam pelo gosto pessoal de cada um ou pela vontade do público.

⁵ MC (*eme ci*) é um acrônimo para “Mestres de cerimônia”, ou seja, os participantes das batalhas que disputam entre si durante a realização do evento.

⁶ Os *beats* são diferentes “batidas” de som que se repetem e possuem um andamento rítmico pronunciado, as quais servem de base para a elaboração das rimas durante as batalhas de improviso. Muitos *beats* são produzidos exclusivamente para as batalhas, outros são recortados de músicas produzidas por grupos de rap nacionais e internacionais conhecidos pelos integrantes.

⁷ *Beat box* é uma habilidade vocal que envolve a capacidade de reprodução, pela boca e pelo nariz, de batidas de sons semelhantes aos *beats*. Ela torna, portanto, desnecessário o uso de aparelhos de som.

As inscrições para participar da Batalha iniciam geralmente às 18 horas. Elas são registradas pelos organizadores e apresentadores do evento, mediante o pagamento de uma taxa de inscrição de R\$1,00 (um real) pelos participantes interessados. Qualquer pessoa, independente de sexo, idade, religião, orientação sexual, origem social, etc. pode se inscrever e participar. Ao final do evento, o vencedor da noite leva como prêmio todo o dinheiro acumulado durante o recolhimento da taxa de inscrição.

As batalhas iniciam por volta das 19 horas e se orientam a partir do sorteio, pelos apresentadores do evento, do número de inscrição dos participantes que irão abrir as disputas da noite. Os apresentadores, na maioria das vezes, são MCs que também concorrem durante a batalha, alternando-se, deste modo, entre os papéis de anfitriões e concorrentes. Aos apresentadores cabe a responsabilidade de mediar as batalhas, bem como de chamar a atenção do público incentivando a sua participação e criando um ambiente favorável para a disputa e criatividade dos MCs. Estes contam ainda com o apoio de uma outra pessoa, geralmente alguém que se disponibiliza a acompanhar o quadro de classificação geral dos MCs que estão concorrendo.

O formato das batalhas depende da quantidade de inscritos em cada noite. Quando poucos MCs se inscrevem, a dinâmica ocorre de forma individual, podendo ter a duração de até três *rounds* e seguindo o esquema de um torneio onde o vencedor de cada etapa se classifica para as próximas fases e continua na disputa até ser eliminado por outro MC concorrente ou até se consagrar como o grande campeão da noite.

Quando muitos MCs se inscrevem a dinâmica é um pouco diferente, havendo disputas entre duplas que concorrem entre si no formato mata-mata. Ou seja, as batalhas possuem apenas um *round* e a dupla vencedora se classifica para as fases posteriores. Ao final, os integrantes da dupla vencedora de todas as batalhas de duplas concorrem entre si em até três *rounds*. O vencedor desta última fase é consagrado o campeão da noite.

No que diz respeito ao conteúdo das rimas e das improvisações que surgem neste contexto, é interessante notar a variedade de temas trazidos à tona nos diferentes tipos de discursos. A maioria dos MCs manifestam, por exemplo, o seu prezo pelo o que chamam de “ideologia”, o que ao meu entender (baseado nas observações que pude estabelecer sobre o conteúdo dos ataques e defesas destes com relação aos seus oponentes) diz respeito à valorização de discursos cuja temática possui um caráter mais “adequado” do ponto de vista “político” e menos “depreciativo” ou “apelativo”.

De modo geral, esta é a visão que predomina entre a maioria dos MCs. Por outro lado, grande parte deles também reconhece que no campo de batalha todas as armas podem e devem ser utilizadas, além de reconhecerem também que cada MC possui o seu próprio repertório e estilo, podendo isto estar diretamente relacionado às suas experiências pessoais. Para estes, não cabe, portanto, qualquer tipo de censura contras as diferentes formas de combate, mesmo àquelas consideradas de teor mais depreciativo, uma vez que, o objetivo maior de cada MC é, além de combater o oponente, entrar em sintonia com o público que, no final das contas, é quem decide quem merece ser campeão.

Independentemente da estratégia adotada, o fato é que as temáticas trazidas à tona dizem muito sobre as relações e experiências cotidianas vividas, seja pelos MCs, seja por todos aqueles que estão presentes. A Batalha do Crematório se constitui, neste sentido, como o espaço onde muitas vezes é possível estabelecer diálogos reconfortantes ou mesmo fazer desabafos sobre os desafios do dia a dia.

Muitos MCs ressaltam, através do uso de inúmeros recursos de linguagem, referências históricas importantes que remetem, por exemplo, à construção do bairro, à locais e eventos importantes, às suas condições enquanto pessoas negras e pobres vindas das periferias, à discriminação racial vivida em diferentes espaços como supermercados, farmácias, etc., aos abusos policiais e às dificuldades de serem reconhecidos pela sociedade como sujeitos merecedores de direitos, entre outras coisas.

Cabe ressaltar que em meio aos esforços por transformar em palavras as suas experiências e perspectiva sobre a realidade, os participantes da Batalha do Crematório fazem emergir categorias que remetem a diversos valores e princípios que se constituem como algo extremamente importante para a sua sobrevivência material e simbólica no ambiente periférico, tais como: a união, a humildade e o respeito. Compreender a relevância destas categorias é indispensável para elaborar conexões entre o conhecimento local e a prática no mundo.

Segundo a teoria da prática de Pierre Bourdieu (1988), ao contrário da perspectiva difundida pelo positivismo, os objetos do conhecimento não se apresentam na realidade como entidades que são passivamente registradas, visto que eles são construídos individual e coletivamente. Por outro lado, diferente do que também propõe o idealismo intelectualista, isto não significaria dizer que os atores sociais são plenamente conscientes e autônomos, sendo na realidade o *habitus*, ou seja, o sistema de disposições estruturantes e estruturadas, o verdadeiro princípio que orienta a prática como uma forma de atuação no mundo.

Neste sentido, as categorias trazidas pelos integrantes da Batalha do Crematório sobre as suas próprias experiências de vida e sobre as suas perspectivas da realidade, podem ser entendidas, na verdade, como representações que remetem a este sistema de disposições que, por um lado, são estruturadas pela forma como foram condicionados a experienciar a realidade e, ao mesmo tempo, são estruturantes pela capacidade que possuem de elaborar um conjunto de práticas que favorecem a criação de um *habitus* comum coerente com as suas necessidades materiais e subjetivas. Deste modo, este *habitus* se constituiria como uma garantia de sobrevivência material e mesmo psíquica daqueles que são vistos como irmãos por compartilharem as mesmas dores, necessidades e princípios.

Isto terminaria, portanto, por criar uma verdadeira rede de colaboração cuja organização interna e padrões de funcionamento podem ser amplamente compreendidos na medida em que podem ser anunciados somente por aqueles que também concordam com os mesmos valores e princípios. Tal rede se constitui como uma tecnologia eficiente e acessível de união para o combate e a denúncia das diversas formas de racismo perpetradas contra a população negra.

Considerações finais

Como pudemos ver, a Batalha do Crematório se constitui como o núcleo de criação de uma verdadeira tecnologia comunitária que, através dos corpos e da sensibilidade da experiência cotidiana da juventude que habita os espaços periféricos da cidade, pode assumir diferentes formas e sentidos na transmissão de mensagens importantes sobre a natureza das relações que pesam na construção das suas identidades, bem como nas condições materiais e nos riscos aos quais eles estão sujeitos no ambiente urbano.

Esta tecnologia é um produto histórico de relações sociais, econômicas, políticas e culturais atravessadas pela população periférica na cidade de Belém e mesmo, em todo o Brasil e no mundo, onde outras versões deste mesmo dispositivo são construídas e constantemente atualizadas por pessoas que enfrentam desafios parecidos e precisam criar alternativas de resistência frente às ameaças do capital (imobiliário, especulativo, predatório, etc.) e do racismo.

Conhecer as dimensões históricas e as dinâmicas do racismo, bem como as suas especificidades na experiência de vida de cada um dos grupos que compõem as regiões periféricas das diferentes cidades permite, portanto, a elaboração de alternativas de resistência mais eficientes frente às várias ameaças protagonizadas por diferentes atores sociais (como o poder público, a iniciativa privada). Além disso, tal perspectiva permite conhecer a criação de

condições mais realistas de compreensão das dinâmicas do racismo, permitindo evidenciar o modo como ele está inserido tanto nos detalhes da experiência cotidiana e particular de cada um de nós, como também em aspectos mais gerais que abrangem desde a segregação racial até a formação dos discursos e dispositivos que tanto dificultam o acesso das comunidades periféricas aos direitos básicos.

Referências

ALMEIDA, Silvio. 2019. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen Produção Editorial.

BARROS, Geová da Silva. 2021. Filtragem racial: a cor na seleção do suspeito. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, São Paulo, 2(1): 134-155.

BOURDIEU, Pierre. 2004. *Coisas ditas*. Tradução de Cássia Silveira e Denise Pegorim. São Paulo: Brasiliense.

BOURDIEU, Pierre. 1988. *L'ontologie politique de Martin Heidegger*. Paris: Éditions Minuit.

CARVALHO, Luis Raimundo Moreira de; AMORIM, Helio Salim de. 2014. Observando as marés atmosféricas: uma aplicação da placa Arduino com sensores de pressão barométrica e temperatura. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, 36(1): 3501-3508.

CHAVES, Celma. 2017. Belém e os sentidos da modernidade na Amazônia. *Revista Amazônia Moderna*, 1(1): 26-43.

COSTA, Greiciely. 2009. *Sentidos de milícia: entre a lei e a ordem*. Campinas. Editora da Unicamp.

COUTO, Aiala Colares. 2018. A periferia de Belém sob vigilância e controle: o narcotráfico por uma perspectiva miliciana. *Geografares: Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES*, 1(1): 85-102.

DAOU, Ana Maria. 1999. *A belle époque amazônica*. São Paulo: Companhia das Letras.

FERNANDES, Florestan. 2021. *A integração do negro na sociedade de classes*. 6 ed; São Paulo: Editora Contracorrente.

MARENGO, Jose. 2005. Characteristics and spatio-temporal variability of the Amazon river basin water budget. *Climate Dynamics*, 24(1): 11-22.

MATOS, Fernando Cardoso *et al.* 2011. Análise temporal da expansão urbana no entorno do Igarapé Tucunduba, Belém, PA, Brasil. *Revista Biociências*, 17(1): 7- 16.

PIMENTEL, Márcia Aparecida da Silva; SANTOS, Viviane Corrêa; SILVA, Flávia Adriane Oliveira da. 2012. A ocupação das várzeas na cidade de Belém: causas e consequências socioambientais. *Revista Geonorte*, 3(5): 34-45.

RODRIGUES, Edimilson Brito. 1996. *Aventura urbana: urbanização, trabalho e meio ambiente em Belém*. Belém: NAEA/UFPA/FCAP.

SALATI, Eneas; DALL'OLIO, Attilio; MATSUI, Eiichi; GAT, Joel. 1979. Recycling of water in Amazon basin: An isotopic study. *Water Resources Research*, 15(1): 1250-1258.

SANSONE, Livio. 2004. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Salvador: Edufba.

SOARES, Karol Gillet. 2008. *As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910)*. Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará.

VILLA NOVA, N.; SALATI, E.; MATSUI, E. 1976. Estimativa da evapotranspiração na bacia amazônica. *Acta Amazônica, Manaus*, 6(2): 215-228.